

Galeria de tipos SJ e SP de Keirsey (em revistas do Cemoroc) – Parte I: os 4 tipos SP

Alexandre Medeiros¹

Enio Starosky²

Resumo: Nas revistas do Cemoroc foram publicados dezenas de artigos sobre a teoria de David Keirsey. Uma das dificuldades encontradas pelos estudiosos de Keirsey é o caráter “ideal” (*Idealtypus*) de seus fatores, temperamentos e tipos. Neste par de estudos, apresentamos uma “galeria” de 8 tipos keirseyanos (os SP e SJ), extraídos desses artigos: pessoas/personagens que podem ajudar a compreender a teoria, discernindo e identificando de modo concreto tipos em personalidades encarnadas. Nesta primeira parte, os 4 tipos SP.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos. temperamento. temperamentos SP.

Abstract: The theory of David Keirsey is the subject of many articles in Cemoroc’s journals. From these articles we extracted the present “Gallery of types” (real people/characters), in order to help – in a concrete way – the understanding of Keirsey’s types. This part I is on the four SP types.

Keywords: David Keirsey. types. temperament. temperament SP.

Enfrentando a dificuldade de discernir tipos keirseyanos em casos concretos³

Uma dificuldade frequente dos estudiosos da tipologia de David Keirsey (abreviaremos por DK) é a de discernir e identificar, nas pessoas, os diversos tipos propostos por DK. E não se trata só de pessoas que não se encaixam perfeitamente neste ou naquele tipo, mas mesmo casos que DK considera claramente como representante de determinado tipo, não encontram unanimidade. Por exemplo, se o próprio DK caracteriza Joana D’Arc como emblemática INFP (Keirsey 1984, p. 176), outros não hesitam em identificá-la como ESTP⁴ (!?); o site oficial de DK situa Madre Teresa como primeiro exemplo de ISFJ⁵, mas há quem a considere típica INFJ⁶.

Pensando em ajudar o estudioso keirseyanos a “visualizar”, de modo concreto e “encarnado”, os diversos tipos da teoria de DK, organizamos a presente “Galeria de Tipos” SP e SJ, recolhendo as análises que, ao longo de anos, pesquisadores do Grupo de Pesquisas – liderado por Jean Lauand – têm apresentado nesta e em outras revistas do Cemoroc – Centro que se distingue também por acolher pesquisas de qualidade sobre a teoria de DK.

Embora cada título se refira a um dos 8 perfis (SP / SJ que somam mais de 80% da população) é claro que cada tipo se esclarece em contraste com outros, de modo que as análises não são necessariamente “estanques”. Esta parte I é dedicada aos 4 tipos SP, deixando os 4 SJ para a parte II, nesta mesma edição.

¹. Doutor em Ciências da Religião – UESP/SP. Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne.

². Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

³. Esta introdução é comum às 2 partes do estudo. Também mantivemos as mesmas referências bibliográficas.

⁴. <https://grottonetwork.com/keep-the-faith/community/catholic-saints-myers-briggs/>. Acesso em 05-05-2021.

⁵. <https://keirsey.com/temperament/guardian-protector/>. Acesso em 05-05-2021.

⁶. <https://www.16personalities.com/infj-personality>. Acesso em 05-05-2021.

I – Os 4 Tipos SP: ISFP, ESTP, ESFP e ISTP

1. O tipo ISFP: Guga Kuerten (Mozart, Fred Astaire...)

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Começemos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por DK *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramentas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipo-histórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas uma cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: “... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: ‘case-se com um homem, não com um bebê’. Etc.” Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária “A Rainha da Noite” e a câmera vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de “A Flauta Mágica”.



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>



Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP⁷.

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirsey 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcionismos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.



7. Luciana do Amaral Brillhante. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)



Assim, o (árduo) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje.

Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre.

Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.

(https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html)

Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” (http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rosto-video.html_)

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. “<https://www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY>”

2. O tipo ESTP: Neymar Jr. (Felipe Melo, Val Marchiori, Cristina Rocha, Sérgio Vieira de Mello...)

(extraído de: Jean Lauand & Chie Hirose: “Tipos de DK - Identificando algumas características” – International Studies on Law & Education 33, 2019: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>)

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar

a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definir e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here
It's time to stop your crying
The future is this moment
And not some place out there
Tonight I need your love
Don't talk about tomorrow
Right now I need your loving
Right now give it to me
Right now I want your loving
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

Felipe Melo. Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresentação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desavenças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaio tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exibe como troféu, um porta-retratos em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembranca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

Sérgio Cabral, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais como no caso de Thammy Gretchen). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”⁸; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz de si mesma: “I’m a man inside a woman's body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...



<https://televizao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

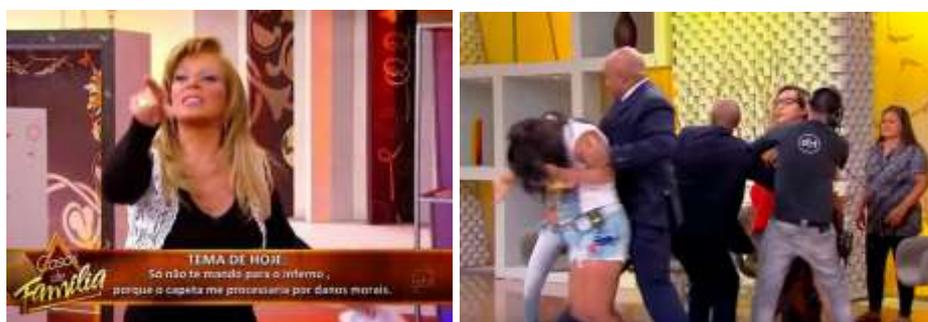
⁸. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)



Outros estilos de apresentadoras:



Hebe **ESFP**



Eliana **ESFP**



Fátima **ESTJ**



Cátia **ESFJ**



Oprah e a sensibilidade **NF**



A fria racionalidade **NT** Justus e Dória

Quem senão o **ESTP** (e mais ainda o **ISTP**) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na

Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposiçããã, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdFgc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franji*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...*!), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirsey 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante (<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano é uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana, Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se

contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.



(<http://www.goal.com/br/news/805/mercado-de-transfer%C3%A2ncias/2011/11/13/2755187/luis-%C3%A1lvaro-brinca-e-afirma-mourinho-ia-pedir-para-neymar-cortar->.)

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigências* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

3. O tipo ESFP: o personagem Raymond Barone (da série “Everybody loves Raymond”)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Raymond” – International Studies on Law & Education 5, 2010: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>)

Neste mês de julho 2010 [mantivemos a data do artigo original], foram lançados na TV brasileira as novas séries “*Men of a certain age*” e “*The Middle*” (ambas já na 2ª. Temporada na TV americana), protagonizadas respectivamente por Ray Romano e Patricia Heaton, astros de “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), *sitcom* dos anos 90 e 2000, de enorme sucesso e, ainda hoje, exibida todos os dias, em três diferentes horários, no Brasil. Embora Romano e Heaton sejam atores extraordinariamente talentosos, as novas séries não parecem capazes de alcançar os índices de audiência de ELR: penso que um dos segredos do incomparável sucesso de ELR está precisamente na força tipológica de seus personagens.

Neste estudo, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisaremos alguns aspectos do personagem principal da ELR, visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (tipo de Raymond) em situações concretas da vida. A tipologia de Keirse é ferramenta útil para a psicologia e para a antropologia com fecundas aplicações para a educação.

É de Heráclito a sábia sentença que afirma que é o mesmo e único o caminho que sobe e o que desce. Os 16 tipos de Keirse são “ideais” (no sentido weberiano) e foram construídos a partir de anos de observação (também profissional); eles nos propiciam importantes informações para a compreensão (no sentido técnico de *verstehen*) dos temperamentos; mas cada tipo só existe, na realidade, encarnado em indivíduos concretos: e é quando “descemos” ao plano concreto que podemos novamente “ascender” ao alcance e significado do plano ideal.

Pense-se, por exemplo, nas potenciais contradições de valores inerentes a cada tipo. Por exemplo, a mãe de Raymond (abrev.: R), Marie (M), é nitidamente ESFJ e, como tal, tem como valores primordiais: o sentido do dever, o cuidado pela família, pelas tradições, pela religião etc. Preocupa-se, portanto, com seu filho Robert, que aos 40 anos continua solteiro, e quer um bom casamento para ele. Como se comportará ela, digamos, quando uma determinada possibilidade de casamento conflitar, digamos, com valores religiosos?

Ou, no nosso caso, do ESFP, como se resolvem na realidade do cotidiano, choques entre valores abstratos do tipo: liberdade, harmonia, impulsividade etc.?

Naturalmente, o tipo de temperamento, mesmo que se dê de modo acentuado, não esgota a realidade do indivíduo; poderíamos compará-lo à mútua atração dos

sexos: é um dado real e importante, mas não determina ou explica a totalidade da conduta de uma pessoa.



Robert, Frank, Debra, Raymond e Marie
(<http://br.canalsony.com/shows/everybody-loves-raymond>)

Assim, a compreensão teórica do ESFP (ou de qualquer outro tipo) está em interação dialética com o modo concreto em que este tipo se dá em Fulano ou Beltrano. E é de grande importância – também heurística – a análise de um personagem de ficção bem construído, como é o caso de R.

O interesse metodológico de ELR reside no fato de ser uma *sitcom* voltada para o cotidiano, que nos oferece 212 episódios (1996-2005), mais de 80 horas de convivência e interação de um nítido e coerente conjunto de personagens, ambientados em situações comuns, que constituem um rico “laboratório” para a compreensão concreta dos tipos de temperamento de Keirse, pois manifestam, de modo vivo e encarnado, suas atitudes e modos de agir. ELR recebeu 13 Emmys (além de 35 indicações para esse prêmio, 6 delas para melhor roteiro). A série encontra-se integralmente disponível em diversos sites da Internet⁹ e é exibida com sucesso até hoje, nas TVs do Brasil e de todo o mundo.

Os personagens que convivem com Raymond Barone (ESFP) são seus pais Frank (ISTP) e Marie (ESFJ); e Debra (ESTJ), sua esposa (além de Robert, irmão de R; a filha mais velha Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey). Trata-se, portanto, de dois casais SJ-SP, o tipo mais comum de casamentos realmente existentes.

Para além das características individuais - advindas de educação, gênero, etnia (os Barone são ítalo-americanos), classe social, geração (na série convivem três gerações), religião, grau de instrução etc. -, este estudo centra-se no concreto dos comportamentos típicos do ESFP.

[...]

Não cabe neste estudo a descrição de todos os 16 tipos; bastar-nos-á apresentarmos algumas das características daquele que analisaremos mais detidamente em nosso trabalho: o ESFP (de Raymond).

O próprio Keirse recorre a personagens ficcionais para exemplificar sua teoria; mas, o faz ocasionalmente, sem aprofundar neste ou naquele personagem. ELR pareceu-nos objeto privilegiado para este estudo: pela própria configuração dos

⁹Como em: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/15rVLBFab699yyTkgZ8ZTw> ou http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/LDqObhq2Dwb6o4F_YCNVSQ ou ainda: <http://www.blinkx.com/video/everybody-loves-raymond-finale/rIRejdHVcOXa6RSQ9OuJ7A>, ou: <http://tv.blinkx.com/show/everybody-loves-raymond/S4RmNGUeMtEGUith5fQBCWRHgBbl4UY0c2OiaA>.

personagens (em geral, nítidos e coerentes tipos keirseyanos); roteiros sugestivos e pela rica variedade de situações vividas pela família nas mais de 80 horas da série, produzida ao longo de 10 anos (1996-2005),

É comum entre roteiristas e diretores de séries e novelas recorrer a teorias da personalidade para criar seus personagens: as 4 protagonistas de *Sex and the City*, por exemplo, correspondem com muita exatidão aos 4 tipos de temperamento de Keirsey: Carrie é a NF; Samantha, a SP; Charlotte, SJ; e Miranda, NT. No caso de ELR, a tipificação também é nítida: Keirsey oferece como exemplo de ISTP o Gal. Patton e Frank Barone (o ISTP de ELR), ao afirmar que não vai ao cinema há anos, diz que a última vez em que o fez foi para assistir ao filme “Patton” e que só voltará às salas de exibição, quando for lançado um “Patton II”.

Raymond como Performer (ESFP)

Destaquemos, neste estudo, um par de características do tipo. Já o primeiro *Please Understand Me* indica dois traços marcantes (aplicáveis perfeitamente a R) do ESFP: sendo extremamente sociável, divertido, charmoso, eletrizante e agradável no convívio (*Performer* é o nome com que Keirsey define o ESFP); é, ao mesmo tempo o tipo com menor resistência à ansiedade.

Assim, diz Keirsey, que na família, “se houver uma doença ou algum problema, o ESFP pode se tornar impaciente e querer se ausentar” (Keirsey, 1984, p. 198). “A tolerância para com a ansiedade no ESFP é a menor de todos os tipos. E a ansiedade é evitada tentando ignorar o lado negro de uma situação tanto quanto possível” (Keirsey, 1984, p. 198).

Descendo para o concreto, em ELR, o protagonista mostra muito bem esse querer eludir o problema da doença, como em ELR#13, *Debra's sick*. Debra (abrev.: D), Ally e um dos gêmeos, Michael, estão fortemente gripados. R tenta em vão esquivar-se de todas as formas (começa por tentar que sua mãe venha cuidar do problema) e, quando tem que assumir o dever de cuidar dos doentes, não se lembra do nome do pediatra, não sabe onde está seu telefone etc. chegando finalmente, em sua aversão à tarefa, ao extremo caricaturesco de levar Geoffrey em vez de Michael ao médico!

A síndrome do avestruz: evitar a todo custo situações de conflito e tentar ausentar-se quando elas se impõem: ignorar o problema como se com isso ele desaparecesse por si... Em ELR#20, *Neighbors*, quando os vizinhos falam com D que querem uma reunião porque não suportam mais os incômodos que Frank (F) e Marie causam na vizinhança a primeira reação de R é tentar ignorar o problema como se ele não existisse e pensar ingenuamente que pode se recusar a participar da reunião (a mesma resistência ocorre quando há problemas com os filhos na escola, ante perguntas difíceis da pré-adolescente Ally ou em diversas outras situações de dificuldade). Ao começar a reunião, R ao ouvir o primeiro minuto de queixas, diz levianamente que o problema vai se resolver (mas não diz como) e que todos podem ir embora tranquilos. Ante a recusa dos queixosos, que começam a multiplicar as reclamações, R, cada vez mais nervoso, deriva para piadinhas que só fazem exacerbar os ânimos dos vizinhos. R se desespera porque sabe que por trás desse conflito haverá outro: enfrentar seus pais e transmitir-lhes as queixas dos vizinhos.

Mas trata-se, sobretudo, de evitar conflitos de relacionamento. Há todo um episódio dedicado a isso: ELR#20 *T-Ball*. Ally participa de uma versão infantil de baseball, o T-Ball, jogos acompanhados por todas as famílias dos alunos. Cada jogo é um evento e um casal de pais, Brian e sua esposa, se investiram na função de organizar os turnos dos lanches. Brian é o típico burocrata metucioso e se desentende

com D porque, no dia do rodízio dos Barone, ela levou profusão de salgadinhos e não a lista de produtos ecologicamente corretos que o memorando de Brian indicava aos pais para o lanche. D começa a argumentar que os salgadinhos que trouxera são adequados para o lanche de crianças, mas o irredutível Brian, munido de sua prancheta e formulários, esgrime os memorandos que enviou e sua “autoridade” de coordenador. R vendo que D está se exaltando e que Brian não vai ceder, tenta pôr panos quentes e diz que de fato os salgadinhos não estavam na lista, que na próxima semana trarão o lanche “correto”, chega a pedir desculpas a Brian para pôr um ponto final no assunto. Mas D não aceita: o problema não é o lanche das crianças, mas aceitar as frescuras (freaking out) de um babaca de um maníaco bitolado (uptight, pompous little ass, with that stupid list etc.). Nesse momento, passa Michael correndo nu e Brian pergunta onde é que estão os pais irresponsáveis; R faz um gesto de concordância com o escândalo de Brian (como se Michael não fosse seu filho e compartilhasse o escândalo de Brian). Em casa, R tenta convencer D de que não vale a pena brigar por um lanche e D fica indignada com a falta de senso de dignidade de R (“Why do you need everybody to like you?”) e este acaba concordando em desafiar Brian, não levando lanche na semana seguinte. Mas, na verdade, o que R faz é, no jogo seguinte, levar ocultamente o lanche da lista de Brian (cenoura, rúcula etc...) e, em um momento em que D sai para cuidar das crianças, sorrateiramente R entrega a Brian o pacote. Mas Brian agradece a D e o plano pacifista de R fracassa.

O episódio T Ball registra ainda uma aguda captação do estilo ESFP. Embora gentil ao extremo, o ESFP, como todo SP é marcado pela impulsividade. Essa combinação pode gerar conflitos internos (como em ELR#154 *Sigh*, quando R, numa generosidade impensada e irresponsável, abdica do uso do banheiro do casal, deixando-o só para D e, quando os incômodos de usar o banheiro das crianças tornam-se insuportáveis, tem que voltar atrás, de modo nada gentil). Quando seu pacifismo é desmascarado, R, finalmente, explode e extravasa de modo veemente sua agressividade para com Brian. Na verdade, a quadradice de Brian incomoda muito mais a R do que a D, que, afinal, também é SJ... E nada como o poder de um STJ para fazer um SFP perder a paciência: há dezenas de filmes (Rambo, Patton, muitos westerns etc.) inspirados nesse tipo de conflito: o impedimento da ação (militar, policial etc.) – e a ação é valor supremo para o SP – por entraves burocráticos de chefes SJ.

A explosão de ira do gentil Raymond é só aparentemente surpreendente; na verdade, sua cortesia procede precisamente de apreciar mais a harmonia das relações humanas do que as (por vezes tolas) teimosias dos outros; quando as teimosias burocráticas do SJ inviabilizam o convívio então o SP libera suas energias de ira e investe descontroladamente contra o agressor. Depois da explosão com Brian, em casa, R reflete – com muita agudeza – sobre o fato: “I don’t know what happened out there” “I never go off on people like that” “I’m like a time bomb”.

A perplexidade de R é por saber que sua característica marcante (como ESFP) é a gentileza, a cortesia: “são os mais generosos de todos os tipos e ocupam o segundo lugar em gentileza (superados somente pelos [raros] ISFP)”¹⁰. Uma das manifestações dessa *superior kindness* – não esqueçamos que os ESFP são altamente vulneráveis à sedução psicológica (Keirsey, 1984, p. 198) – é o modo fácil e rápido com que costumam ceder ao outro (Keirsey, 1984, p. 198): vale tudo para evitar uma discussão.

O que é compreensível: afinal, o SFP cede porque não tem o apego aos imperativos do dever (SJ); ou aos da lógica ou racionalidade (NT); ou aos do sentido ontológico (NF); seu imperativo é a alegria na convivência.

¹⁰ Keirsey, site oficial: www.keirsey.com/handler.aspx?s=keirsey&f=fourtemps&tab=4&c=performer . Acesso em 15-07-10.

Essas características – junto com outras do ESFP que não cabe analisar neste estudo – tornam perfeitamente natural que todo mundo goste de R e explicam o próprio título da série, *Everybody loves Raymond*, necessariamente um protagonista ESFP...

4. O tipo ISTP: o personagem Frank Barone (da série “Everybody loves Raymond”)

(extraído de: João Sérgio Lauand: “David Keirse e a TV – o caso de Frank” – International Studies on Law & Education 6, 2010: <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>)

No número anterior de International Studies on Law and Education, a partir dos tipos psicológicos de David Keirse (combinações de I/E, S/N, T/F, J/P), analisamos alguns aspectos do personagem principal da *sitcom* “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), visando identificar, em situações de comportamento cotidiano, como age o tipo ESFP (no caso, Raymond) em situações concretas da vida. Aproveitando a mesma matriz teórica, voltamo-nos, neste estudo para um par de características amostrais do ISTP, encarnado no personagem Frank Barone, pai de Raymond em ELR.

[...]

Os personagens que circundam Frank Barone (ISTP) são sua esposa Marie (ESFJ) e seus filhos Robert (que aos 40 anos ainda mora com os pais) e Raymond. Raymond mora com sua esposa Debra (abrev.: D) e seus filhos ainda pequenos - Ally e os gêmeos Michael e Geoffrey - na casa em frente da de Frank (e a comunicação entre as casas é constante e sem cerimônias).

Frank como ISTP (Artisan)

No trato com Marie (M), Raymond (R) e Robert (Rb), e em geral, Frank (F) é o típico durão, teimoso e grosseiro, veterano da guerra da Coréia (assunto recorrente em suas conversas...).

Sempre se acha com razão e nunca pede desculpas. Frank diz tudo o que lhe vem à cabeça (especialmente para agredir verbalmente Marie), vive dizendo palavrões (seu favorito é a exclamação “*Holy Crap!* - equivalente ao nosso: p* m*!”). Frank é aquele que não se lembra de puxar o zíper da braguilha e não se importa de ir buscar o jornal no jardim em cuecas. Machão, homóforo ao extremo, ridiculariza gestos sensíveis (impróprios de machos) de R (ou Rb), chamando-o(s) de Nancy, Shirley ou Mary Alice...

Frank é o homem dos consertos; para ele, chamar um profissional – encanador, eletricista, carpinteiro etc. – é um desperdício de dinheiro; e ele valoriza cada centavo (colecciona cupons de descontos irrisórios, permite-se comer “amostras” no supermercado sem pagar etc.). Tenha-se em conta que essas características, junto com o fato de ser do tipo ISTP devem-se também a fatores como idade, um pai repressor, frustrações profissionais (Frank deixou de trabalhar, mas sem conseguir uma aposentadoria, embora a família não passe por apertos financeiros) etc.

Como pai, Frank encarna o tipo durão: sentimentos e afetos só servem para amolecer e formar “Nancys”. Temperamento marcante, é em torno dele que giram alguns personagens secundários, como os sogros dos filhos, cujos temperamentos estão para contrastar frontalmente com o ISTP Frank. Assim, em certo sentido, junto com Raymond, é seu pai Frank o centro da série, que, nesse recorte, poder-se-ia chamar: “Frank hates Everybody” (de acordo com a fala de Marie para R): “Your father, hates everybody.” (E Frank se defende: “There's only some people I hate. The rest I tolerate... (#160, abrev. para episódio No. 160)

Para o bem e para o mal (no caso, mais para um cômico mal), Frank é uma realização do ISTP, com defeitos literariamente exagerados. A primeira característica que Keirsej aponta do ISTP (no tópico dedicado ao tipo em *Please Understand Me II*) é a extraordinária habilidade no manejo de ferramentas e a magnética atração que sentem por elas. É bem o caso de Frank, que passa o tempo todo de cuecas vendo TV e comendo e não faz absolutamente nada, exceto manejar ferramentas para consertos.

Frank adora ferramentas: também esta boa qualidade é dada ao personagem em dose exagerada, caricaturesca. Aplica-se-lhe à letra, o que Keirsej afirmou do ISTP: “A natureza do ISTP mostra-se mais facilmente no domínio das ferramentas... que os atraem como imãs: eles têm necessidade imperiosa de manejá-las e ferramentas caem em suas mãos buscando uso” também em (1984, pp. 200-201). O aposentado indolente e inútil, incapaz de mover uma palha; de repente, rejuvenesce-se e revigora-se e aplica uma imponente capacidade de trabalho, quando se trata de consertar um chuveiro, ou o piso de uma escada, um fogão etc.

Já na primeira temporada, há um episódio (#20) dedicado a essa paixão. Ray dá de presente ao pai *The big book of hobbies* e Frank, habitualmente decaído e desmotivado, torna-se incrivelmente energizado e – para desespero de todos – instala alarmes para a casa e para os carros, começa a revolucionar os equipamentos das casas, passa dias inteiros em intensa e contínua atividade na garagem etc. São 7:30 da manhã e Frank já está freneticamente manejando suas ferramentas e criticando a inatividade dos outros membros da família!

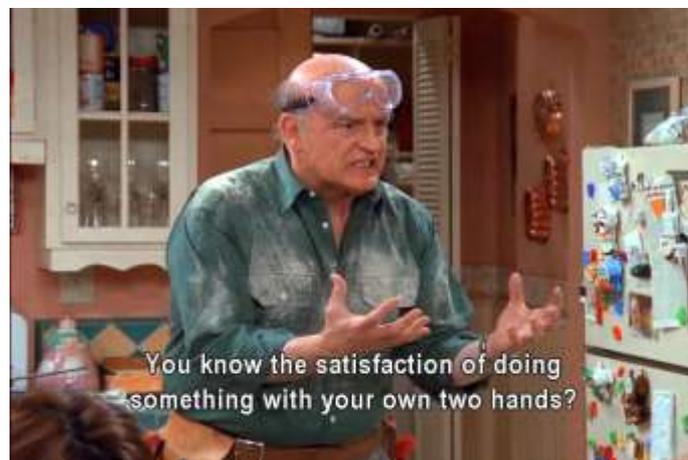
What are you doing in your pajamas?
It's a little early for woodworking, isn't it?
Not for me. I never felt so alive.
You know the satisfaction of doing something with your own two hands?
Debra - I'm imagining it right now.
I love the *Big Book of Hobbies*. The best gift you ever gave me.
Hey, where's the drill?
- In the garage.
- Great, thanks. (e dirige-se à garagem, cantarolando a trilha do filme “Indiana Jones”)

Como explica Keirsej (ainda no tópico *Artisans*) as ações e o manejo destre de ferramentas obedece ao elemento básico dos SP: o impulso. E prossegue: mais do que um propósito deliberado (ou o desejo de servir etc.); dá-se no ISTP a ação pela ação, sem planejamento; o ISTP se sente feliz quando a ação é espontânea e livre, seguindo sua própria vontade. No caso do ISTP, essa ação pela ação é um absoluto e ele tende a rejeitar veementemente “normas, regras ou leis”. Conclui Keirsej: “Os artesãos podem ser muito insubordinados e consideram que a hierarquia e a autoridade são desnecessárias e até aborrecidas. Não se trata tanto de opor-se aos regulamentos,

mas de ignorá-lo e não permitir que atrapalhe nas ações ... Se um programa imposto de fora coincide com seus impulsos, tudo bem; se não, pior para o programa”.



Ally, Frank Debra e Raymond



É o tema conhecido de dezenas de filmes: um ISTP está realizando rápida e eficazmente uma missão (policial, militar etc.); mas por não seguir a cartilha de regras é afastado da missão pela máquina burocrática e, inconformado, tenta dar um jeito de continuar sua ação; a burocracia descobre e pune-o severamente etc. É de um roteiro clássico: quer se trate de Rambo; Nick, o detetive acima da lei; de um Romário (e sua famosa: “Si no salgo por la noche no meto goles”, que lhe valeu a saída do Barcelona); ou do Gal. Patton, o grande herói de Frank.

Frank x Hank: o embate entre o ISTP e o ISTJ

O contraste é fonte poderosa de humor. Para contrastar com a efusividade dos Barone e, especialmente, com as características ISTP de Frank; está o sogro de Robert, Hank MacDougall (que traz a tiracolo sua esposa Pat).

Hank, ISTJ, está posto como antípoda moral de Frank, ISTP. Basta percorrer as características do ISTJ (definido por K como “o Inspetor”) em *Please Understand Me II* para ver quão acertada é a escolha do tipo.

Do ISTJ, diz Keirse, que é sério e escrupuloso; minucioso e detalhista (excelentes como fiscais), legalista, respeitador de hierarquia e autoridades, guardiões

das tradições e instituições, estóicos e nada hedonistas; silenciosos e discretos; sem nenhum brilho no vestir ou no falar: pessoas cinzas! Claro que os ISTJ, como guardiões das tradições, instituições e moralidade, sentem-se atraídos por igrejas e para acentuar o caráter moralista de Hank, ele é presbiteriano rigoroso (o diferencial presbiteriano é a intolerância para com a “imoralidade”), o casal é de um puritanismo à toda prova.

Para o principiante na teoria de Keirsey pode surpreender o antagonismo entre tipos com três características em comum. Mas o próprio Keirsey adverte: “We might think that there would be some resemblance (entre o ISTP) to the ISTJ, having as they do, IST in common. But no, their behavior is antithetical in almost every dimension of comparison” (1984, p. 203)

Como é de esperar, o contato com os Barone e, particularmente com Frank, o ISTP, insubordinado e hedonista, será explosivo. No episódio 161, Rb vai à Pennsylvania pedir a mão de Amy e recebe um sonoro “Não”(porque os Barone são católicos, porque RB e Amy dormiram juntos antes do casamento etc.)

Os Mac Dougall conhecem os Barone (#163, Meeting the Parents) num domingo: chegam de surpresa, da Pennsylvania, ao apartamento de Amy, que tinha preparado um brunch para os restantes Barone (Robert passara a noite no apartamento de Amy). De cara dão com Robert em cuecas.

Frank, que não tem sensibilidade para com as visitas e nenhuma habilidade ou interesse em receber e ser agradável, logo propõe ligarem a televisão; Hank diz que ele e a esposa não gostam de televisão (fonte de imoralidade) e que preferem família e igreja. Hank aproveita e pergunta a Amy se já foi à igreja (é um domingo).



Já está estabelecida a antipatia entre os casais. Naturalmente, o episódio se desenrola com a explicitação das desavenças entre Frank e Hank quase chegando às vias de fato.

Frank: A rapidez da captação do SP

No episódio 169, ocorre uma das mais sutis observações sobre temperamento por parte dos roteiristas, captando uma característica do ESTP, mas que se aplica perfeitamente a Frank (ISTP) e também a todos os SP: a rapidez em captar plenamente uma situação; o que os torna impacientes para os detalhes que o interlocutor desejaria contar porque não acredita na incrível rapidez da captação do SP. Do ESTP, diz Keirsey (1984, p. 196): a extraordinária capacidade de percepção de a mínimos indícios que os deixam “several jumps ahead in anticipation of another’s position”.

Na casa de Ray (ELR 169) está, há dias, uma mala de viagem largada no patamar da escada; a razão é que D e R, de volta de uma viagem, estão em um surdo braço de ferro para ver quem cede e desfaz e guarda a mala.

Rb, entra na casa de R e precisa de uma longa explicação para entender o fato; para o SP Frank, literalmente, basta meia palavra. F chega em casa de Ray, D leva as crianças pela escada e avisa para tomarem cuidado com a mala no patamar e R faz uma cara de descrédito ante teimosia e diz: “essa mala está aí há 3 semanas e...”; F atalha: “Nobody wants to be the one to move it. I gotcha”.

Esse “I gotcha” é uma constante dos STP. Muitos STP queixam-se precisamente disto: de serem considerados levianos por interlocutores (cônjuge, amigos, filhos etc.) de outros temperamentos, quando, por exemplo, lhes pedem conselho e pela rapidez da resposta pensam erradamente que o conselho foi dado de forma irresponsável ou se queixam “ele (o SP) não me deixa falar”. Na verdade, o SP inteirou-se da situação de forma extraordinariamente rápida e toma a decisão (presumivelmente acertada) também de forma surpreendentemente veloz, o que deixa desconcertados sobretudo os SJ.

Essa rapidez procede em boa parte do realismo S preparado para aceitar qualquer fato real (o SJ também é realista S, mas “perde tempo” ponderando sobre os valores do fato).

Com essa fina observação de ELR, concluímos este trabalho, que, a partir de um par de amostras, pretende apontar para o potencial heurístico das obras de ficção para a identificação e análise dos tipos de Keirse.

Referências

BENTO XVI “São Bento de Núrsia”. Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BRILHANTE, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

MORIN, Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MOTHER TERESA of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Recebido para publicação em 12-08-21; aceito em 18-09-21